
Entrevistado/a: Paola Cavalcante Ribeiro

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 8 de agosto de 2025

Local: Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Porto Alegre)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

Paola Cavalcante Ribeiro é professora de História, mestre na área, atuando na educação básica desde 2009. Ingressou na rede estadual por meio de contratos temporários e, posteriormente, por concursos realizados em 2012 e 2013. Ex-aluna do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, onde estudou na década de 1990, retornou à instituição como docente em 2015 e, em 2025, assumiu a função de diretora, reconhece como espaço formador de sua identidade docente e cidadã.

A ocupação inicial da escola para abrigo e apoio

A entrevistada relembra que a reconfiguração da escola ocorreu de forma rápida, em meio à suspensão das aulas decorrente da enchente que atingiu o Rio Grande do Sul em 2024. A partir de uma solicitação do Posto Modelo de Saúde, a escola foi acionada para funcionar como abrigo, inicialmente para organização de doações e, em seguida, para acolhimento de pessoas atingidas. Mesmo não tendo sido diretamente impactada pela enchente em sua residência, Paola destaca o sentimento de angústia diante da dimensão da tragédia e a decisão de se deslocar até a escola para atuar como voluntária.

A atuação voluntária

Paola participou das ações do abrigo, integrando a equipe de voluntários e assumindo funções relacionadas, sobretudo, à segurança e à organização dos

espaços internos. Sua atuação envolveu o controle de acessos, a circulação pelos corredores e o cuidado com áreas sensíveis, como dormitórios e banheiros, com o objetivo de garantir proteção, especialmente a mulheres, crianças e famílias.

A reconfiguração da escola em abrigo

A escola foi progressivamente reorganizada para atender às demandas do abrigo. Inicialmente, o ginásio foi utilizado para acolhimento, mas, diante das baixas temperaturas, as salas de aula passaram a ser ocupadas e organizadas conforme os perfis dos abrigados, separando famílias, homens e mulheres. O abrigo atendeu famílias oriundas de bairros atingidos, como Sarandi e Humaitá, além de um expressivo contingente de pessoas em situação de rua. A instituição ofereceu serviços de saúde, atendimento psicológico, alimentação diária, espaços de recreação infantil, atividades culturais, oficinas e atendimento a animais resgatados.

O encerramento do abrigo

O funcionamento do abrigo estendeu-se por aproximadamente um mês, período em que mais de uma centena de pessoas foi acolhida. O encerramento das atividades e o retorno às aulas ocorreram de forma gradual e exigiram atenção às condições emocionais dos estudantes e da comunidade escolar. Paola relata que o retorno foi marcado por ausências significativas de alunos, em decorrência dos impactos sociais e econômicos da enchente, evidenciando processos de evasão e deslocamento de famílias, situação semelhante à vivenciada durante a pandemia.

Aprendizados e percepção sobre a experiência

Ao refletir sobre a experiência, Paola enfatiza o papel social da escola pública como espaço central de acolhimento, assistência, segurança e reconstrução em contextos de crise. Destaca que a atuação do Colégio Júlio de Castilhos como abrigo reafirma sua tradição histórica de resistência social e compromisso político com a comunidade. Para a entrevistada, a experiência reforçou a importância da escola como referência pública, capaz de articular políticas sociais, promover solidariedade e formar sujeitos críticos e conscientes.